

Carlos Reis  
COORDENAÇÃO

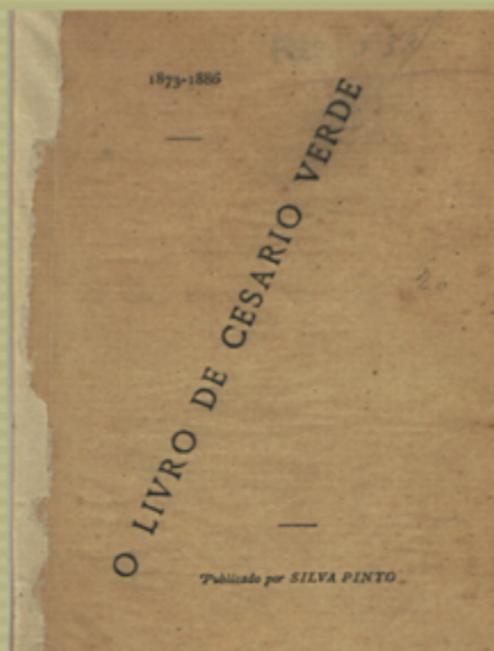
Cesário Verde

# CÂNTICOS DO REALISMO

## O LIVRO DE CESÁRIO VERDE

Helena Carvalhão Buescu  
INTRODUÇÃO  
NOTA BIBLIOGRÁFICA

*E eu, que medito um livro que exacerbe,  
Quisera que o real e a análise mo dessem:  
Casas de confeções e modas resplandecem;  
Pelas vitrines olha um ratoneiro imberbe.*



Fac-símile da capa da 1.ª edição de *O Livro de Cesário Verde*, publicada postumamente por Silva Pinto, amigo do autor. Lisboa: Typographia Elzevieriana, 1887.

BNP RES-538-P

BIBLIOTECA FUNDAMENTAL  
DA LITERATURA PORTUGUESA

# CÂNTICOS DO REALISMO

O LIVRO DE CESÁRIO VERDE



**Carlos Reis**  
COORDENAÇÃO

**Cesário Verde**

# **CÂNTICOS DO REALISMO**

**O LIVRO DE CESÁRIO VERDE**

**Helena Carvalhão Buescu**

INTRODUÇÃO  
NOTA BIBLIOGRÁFICA

**IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA, S. A.**  
Av. de António José de Almeida  
1000-042 Lisboa

[www.incm.pt](http://www.incm.pt)  
[www.facebook.com/INCM.Livros](https://www.facebook.com/INCM.Livros)  
[editorial.apoiocliente@incm.pt](mailto:editorial.apoiocliente@incm.pt)

**Reservados todos os direitos  
de acordo com a legislação em vigor**  
© 2015, Imprensa Nacional-Casa da Moeda

**As obras da BFLP observam  
o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990**

Apoio à coordenação  
**Valéria Cavalheiro**

Publicado em março de 2015

Tiragem

1000 exemplares

Depósito legal

387 541/15

ISBN

978-972-27-2360-2

Edição n.º

1020434

## O sentimento dum ocidental

### I

Nas nossas ruas, ao anoitecer,  
Há tal soturnidade, há tal melancolia,  
Que as sombras, o bulício, o Tejo, a maresia  
Despertam um desejo absurdo de sofrer.

O céu parece baixo e de neblina,  
O gás extravasado enjoo-nos, perturba;  
E os edifícios, com as chaminés, e a turba  
Toldam-se d'uma cor monótona e londrina.

Batem os carros de aluguer, ao fundo,  
Levando à via-férrea os que se vão. Felizes!  
Ocorrem-me em revista, exposições, países:  
Madrid, Paris, Berlim, S. Petersburgo, o mundo!

Semelham-se a gaiolas, com viveiros,  
As edificações somente emadeiradas:  
Como morcegos, ao cair das badaladas,  
Saltam de viga em viga os mestres carpinteiros.

Voltam os calafates, aos magotes,  
De jaquetão ao ombro, enferruscados, secos;  
Embrenho-me, a cismar, por boqueirões, por becos,  
Ou erro pelos cais a que se atacam botes.

E evoco, então, as crónicas navais:  
Mouros, baixéis, heróis, tudo ressuscitado!  
Luta Camões no Sul, salvando um livro, a nado!  
Singram soberbas naus que eu não verei jamais!

E o fim da tarde inspira-me; e incomoda!  
De um couraçado inglês vogam os escaleres;  
E em terra num tinir de louças e talheres  
Flamejam, ao jantar, alguns hotéis da moda.

Num trem de praça arengam dois dentistas;  
Um trôpego arlequim braceja numas andas;  
Os querubins do lar flutuam nas varandas;  
Às portas, em cabelo, enfadam-se os lojistas!

Vazam-se os arsenais e as oficinas;  
Reluz, viscoso, o rio; apressam-se as obreiras;  
E num cardume negro, hercúleas, galhofeiras,  
Correndo com firmeza, assomam as varinas.

Vêm sacudindo as ancas opulentas!  
Seus troncos varonis recordam-me pilastras;  
E algumas, à cabeça, embalam nas canastras  
Os filhos que depois naufragam nas tormentas.

Descalças! Nas descargas de carvão,  
Desde manhã à noite, a bordo das fragatas;  
E apinham-se num bairro aonde miam gatas,  
E o peixe podre gera os focos de infeção!

## II

Toca-se as grades, nas cadeias. Som  
Que mortifica e deixa umas loucuras mansas!  
O aljube, em que hoje estão velhinhas e crianças,  
Bem raramente encerra uma mulher de «dom»!

E eu desconfio, até, de um aneurisma  
Tão mórbido me sinto, ao acender das luzes;  
À vista das prisões, da velha sé, das cruzes,  
Chora-me o coração que se enche e que se abisma.

A espaços, iluminam-se os andares,  
E as tascas, os cafés, as tendas, os estancos  
Alastram em lençol os seus reflexos brancos;  
E a lua lembra o circo e os jogos malabares.

Duas igrejas, num saudoso largo,  
Lançam a nódoa negra e fúnebre do clero:  
Nelas esfumo um ermo inquisidor severo,  
Assim que pela história eu me aventuro e alargo.

Na parte que abateu no terremoto,  
Muram-se as construções retas, iguais, crescidas;  
Afrontam-me, no resto, as íngremes subidas,  
E os sinos de um tanger monástico e devoto.

Mas, num recinto público e vulgar,  
Com bancos de namoro e exíguas pimenteiras,  
Brônzeo, monumental, de proporções guerreiras,  
Um épico d'outrora ascende, num pilar!

E eu sonho o Cólera, imagino a Febre,  
Nesta acumulação de corpos enfezados;  
Sombrios e espectrais recolhem os soldados,  
Inflama-se um palácio em face de um casebre.

Partem patrulhas de cavalaria  
Dos arcos dos quartéis que foram já conventos;  
Idade Média! A pé, outras, a passos lentos,  
Derramam-se por toda a capital, que esfria.

Triste cidade! Eu temo que me avives  
Uma paixão defunta! Aos lampiões distantes,  
Enlutam-me, alvejando, as tuas elegantes  
Curvadas a sorrir às montras dos ourives.

E mais: as costureiras, as floristas  
Descem dos *magasins*, causam-me sobressaltos;  
Custa-lhes a elevar os seus pescoços altos  
E muitas delas são comparsas ou coristas.

E eu, de luneta de uma lente só,  
Eu acho sempre assunto a quadros revoltados:  
Entro na *brasserie*; às mesas de emigrados  
Joga-se, alegremente e ao gás, o dominó!

### III

E saio. A noite pesa, esmaga. Nos  
Passeios de lajedo arrastam-se as impuras.  
Ó moles hospitais! Sai das embocaduras  
Um sopro que arrepia os ombros quase nus.

Cercam-me as lojas, tépidas. Eu penso  
Ver círios laterais, ver filas de capelas,  
Com santos e fiéis, andores, ramos, velas,  
Em uma catedral de um comprimento imenso.

As burguesinhas do catolicismo  
Resvalam pelo chão minado pelos canos;  
E lembram-me, ao chorar doente dos pianos,  
As freiras que os jejuns matavam de histerismo.

Num cuteleiro, de avental, ao torno,  
Um forjador maneja um malho, rubramente;  
E de uma padaria exala-se, inda quente,  
Um cheiro salutar e honesto a pão no forno.

E eu, que medito um livro que exacerbe,  
Quisera que o real e a análise mo dessem:  
Casas de confeções e modas resplandecem;  
Pelas *vitrines* olha um ratoneiro imberbe.

Longas descidas! Não poder pintar  
Com versos magistras, salubres e sinceros,  
A esguia difusão dos vossos reverberos,  
E a vossa palidez romântica e lunar!

Que grande cobra, a lúbrica pessoa,  
Que espartilhada escolhe uns xales com debuxo!  
Sua excelência atrai, magnética, entre o luxo,  
Que ao longo dos balcões de mogno se amontoa.

E aquela velha, de bandós! Por vezes,  
A sua *traine* imita um leque antigo, aberto,  
Nas barras verticais, a duas tintas. Perto,  
Escarvam, à vitória, os seus mecklemburgueses.

Desdobram-se tecidos estrangeiros;  
Plantas ornamentais secam nos mostradores;  
Flocos de pós de arroz pairam sufocadores,  
E em nuvens de cetins requebram-se os caixeiros.

Mas tudo cansa! Apagam-se, nas frentes,  
Os candelabros, como estrelas, pouco a pouco;  
Da solidão regouga um cauteleiro rouco;  
Tornam-se mausoléus as armações fulgentes.

«Dó da miséria!... Compaixão de mim!...»  
E, nas esquinas, calvo, eterno, sem repouso,  
Pede-nos sempre esmola um homenzinho idoso,  
Meu velho professor nas aulas de latim!

#### IV

O teto fundo de oxigénio, d'ar,  
Estende-se ao comprido, ao meio das trapeiras;  
Vêm lágrimas de luz dos astros com olheiras,  
Enleva-me a quimera azul de transmigrar.

Por baixo, que portões! Que arruamentos!  
Um parafuso cai nas lajes, às escuras:  
Colocam-se taipais, rangem as fechaduras,  
E os olhos dum caleche espantam-me, sangrentos.

E eu sigo, como as linhas de uma pauta,  
A dupla correnteza augusta das fachadas;  
Pois sobem, no silêncio, infaustas e trinadas,  
As notas pastoris de uma longínqua flauta.

Se eu não morresse, nunca! E eternamente  
Buscasse e conseguisse a perfeição das cousas!  
Esqueço-me a prever castíssimas esposas,  
Que aninhem em mansões de vidro transparente!

Ó nossos filhos! Que de sonhos ágeis,  
Pousando, vos trarão a nitidez às vidas!  
Eu quero as vossas mães e irmãs estremecidas,  
Numas habitações translúcidas e frágeis.

Ah! Como a raça ruiva do porvir,  
E as frotas dos avós, e os nómadas ardentes,  
Nós vamos explorar todos os continentes  
E pelas vastidões aquáticas seguir!

Mas se vivemos, os emparedados,  
Sem árvores, no vale escuro das muralhas!...  
Julgo avistar, na treva, as folhas das navalhas  
E os gritos de socorro ouvir, estrangulados.

E nestes nebulosos corredores  
Nauseiam-me, surgindo, os ventres das tabernas;  
Na volta, com saudade, e aos bordos sobre as pernas,  
Cantam, de braço dado, uns tristes bebedores.

Eu não receio, todavia, os roubos;  
Afastam-se, à distância, os dúbios caminhantes;  
E sujos, sem ladrar, ósseos, febris, errantes,  
Amareladamente, os cães parecem lobos.

E os guardas, que revistam as escadas,  
Caminham de lanterna e servem de chaveiros;  
Por cima, as imorais, nos seus roupões ligeiros,  
Tossem, fumando sobre a pedra das sacadas.

E, enorme, nesta massa irregular  
De prédios sepulcrais, com dimensões de montes,  
A dor humana busca os amplos horizontes,  
E tem marés, de fel, como um sinistro mar!

Lisboa, 1880